

## **Sophia: casa branca em frente ao mar enorme**

Nunca soube distinguir entre Sophia e os seus poemas ou, parafraseando como metáfora um verso seu que me serve de título – “casa branca em frente ao mar enorme” – entre a vida transitória que habitou e a intemporal totalidade que desejou. Outro poeta que sabia da relação indissociável entre os corpos e os incorpórios, W. B. Yeats, sugeriu ser impossível distinguir entre a dança e quem a dança ao declarar, em forma de pergunta: “Who can tell the dancer from the dance? “. Para Sophia, a casa branca e o mar enorme são o tempo de uma só totalidade, em frente uma da outra.

No entanto o título de um dos livros de Sophia é *No Tempo Dividido* e esse livro, datado de 1954, inclui o que são porventura os seus poemas mais transparentemente autobiográficos. São poemas sobre uma totalidade interrompida, sobre um amor que encarnava “tudo que era vivo” e que morreu “tão cedo”, transformando a sua ausência num tempo que “como um monstro a si próprio se devora” mas cuja criatividade fundadora, ainda assim, “povoa terra e céu”. Num dos mais belos poemas desse belo livro, “Soneto de Eurydice”, o paradigmático mito sobre o encontro da poesia com a morte é reconstruído da perspectiva não de um Orpheu que sobrevivesse a Eurydice mas de uma Eurydice que ainda procura Orpheu na “ausência que povoa terra e céu / e cobre de silêncio o mundo inteiro”. A sobrevivente Eurydice metamorfoseou-se na voz órfica que dá expressão ao silêncio, tornada “transparente / como morta nascida à [...] imagem” desse amor simultaneamente perdido no mundo que a circunda e em si própria reconstruído como um rosto “secreto e verdadeiro” no “rosto liso e puro da paisagem”. Camões, num soneto várias vezes referenciado na poesia de Sophia – “O sol, a terra, o vento sossegado” – constata a desoladora indiferença da Natureza perante a morte da amada. Sophia reconstrói a Natureza como a precária eternidade de um perdido amor em si própria reencontrado, transformando a morte num recomeço de vida.

O livro que Sophia publicou quatro anos depois, em 1958, tem o significativo título de *Mar Novo*. O mundo circunstancial – e as consequentes responsabilidades da cidadania na sociedade repressiva do Portugal do seu tempo – começa a introduzir-se na sua poesia e irá ter uma expressão ainda mais explicitamente interveniente nalguns poemas de *O Livro Sexto* (de 1966) e *Dual* (de 1972). “Este é o tempo em que os homens renunciam”, diz num poema de *Mar Novo*. E noutro, em implícita homenagem se é que não também incentivo ao cidadão interveniente com quem se casou e teve filhos, Francisco de Sousa Tavares, celebra a coragem da recusa numa sociedade dominada pelo disfarce, pela corrupção, pela aquiescência e pelo medo. Refiro-me ao poema que começa “Porque os outros se mascaram mas tu não” e que termina “Porque os outros calculam mas tu não”. O mesmo sentimento é reiterado na dedicatória que fez ao marido noutro livro em que não deixa de ser poeta para escrever prosa, os *Contos Exemplares* (de 1970): “Para o Francisco, que me ensinou a coragem e a alegria do combate desigual”.

No amplo contexto da obra de Sophia, a corrupção da sociedade emerge como um correlativo objectivado do tempo dividido e é caracterizada como equivalente a um corpo corrompido pela morte. Em *Mar Novo* Sophia sugere, assim, uma relação germinal – e tanto mais poderosa quanto deixada apenas latente – entre a mortífera corrupção social que é necessário não servir e a morte de um antigo amor que havia vivido como se fosse eterno. Essa relação está na base de um dos seus mais celebrados poemas, “Meditação do Duque de Gândia sobre a Morte de Isabel de Portugal”. No “Soneto de Eurydice”, em *O Tempo Dividido*, a voz de Eurydice assumira o que tradicionalmente teria sido o canto masculino de Orpheu; em *Mar Novo*, no poema de despedida que é a “Meditação do Duque de Gândia”, há uma complementar transposição do masculino no feminino, e é bem a voz de Sophia que fala através da *persona* do Duque de Gândia quando (numa subtil utilização da ambiguidade de género inerente à antiga forma cortês de tratamento) se dirige ao seu defunto “Senhor” para lhe dizer:

[....]

Nunca mais amarei quem não possa viver  
Sempre.

Porque eu amei como se fossem eternos  
A glória a luz e o brilho do teu ser,  
Amei-te em verdade e transparência  
E nem sequer me resta a tua ausência,  
És um rosto de nojo e negação  
E fecho os olhos para não te ver.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

E noutro poema de *Mar Novo* cuja perspectiva incide sobre “Aquele que partiu” e não sobre os que ficaram, em luta desigual, no mundo corrompido dos vivos, Sophia escreve: “Ele não ficou para connosco / Destruir com amargas mãos seu próprio rosto / Intacta é a sua ausência [...] // Ele não ficou para assistir / À morte da verdade e à vitória do tempo”. O poema conclui, algo cripticamente: “E que ninguém repita o seu nome proibido”. Mas creio que esse nome – proibido porque sagrado – ficou integrado na voz que Sophia deu ao silêncio ao longo de toda a sua poesia. Deixemo-lo portanto ficar assim.

O meu propósito agora é recordar a Sophia que conheci. Creio que a encontrei pela primeira vez em casa de Jorge de Sena. Mas foi por insistência de Alberto de Lacerda, depois de uma estadia minha em Londres em 1958, que fui visitá-la e comecei a perceber um pouco a pessoa admirável de que iria ser amigo. Foi isto portanto no ano da publicação de *Mar Novo*. Já tinha lido e apreciava a sua poesia, é claro, embora talvez tivesse sentido uma juvenil (mas creio que justificável) desconfiança em relação à imagem de rarefeita espiritualidade que outros poetas em seu nome haviam construído. Nos meus iconoclastas vinte e dois anos, não havia lugar para poéticas madonas sublimadas. Até Jorge de Sena havia escrito sobre Sophia um poema de elaborada contenção sintática em que se interrogava, como se ela fosse uma

consubstancial entidade metafísica: “Versos e filhos como os dá ao mundo?” Bom, fazendo-os, teria eu respondido na minha irreverência.

Acontece também que tinha assistido a um bizarro duelo de amores platónicos pela imaterial Sophia entre o Alberto de Lacerda e o Ruy Cinatti, numa tarde em Londres, poucos meses antes. Lembro-me de o Ruy Cinatti ter dito, porventura como suprema prova de amor, que escrevia longas cartas à Sophia para se manter em contacto consigo próprio. E de o Alberto ter depois comentado com saboreada malícia, a sós comigo, que não era nada à Sophia que o Cinatti escrevia essas cartas, que era ao próprio Cinatti. Se assim era, presumo que teria sido um caso extremo de transforma-se o amador na coisa amada. Mas o Alberto revelou-me então, em prova definitiva do seu inquestionavelmente superior amor pela Sophia, que o poema *Diotima* tinha sido escrito para ela: “És linda como haver Morte / depois da morte dos dias [...] / libertadora mulher, amor pressago e terrível [...] / primavera, primavera!”. E deu-me a ler outro seu poema (ao tempo ainda inédito) intitulado *O Eterno Retorno de Diotima* em que a visionava como uma eternamente inacessível “rosa dos ventos agudos” suspensa na “noite dos tempos”. Não mencionei esses poemas a Sophia, é claro, fui mais discreto do que agora não preciso de ser. São dois dos melhores poemas do Alberto de Lacerda e creio que ele só ganha em saber-se quem os inspirou.

Quando fui visitar a Sophia já tinha conhecido o Francisco de Sousa Tavares, em ocasionalmente coincidentes clandestinidades mais ou menos boémias e menos ou mais políticas. O Francisco era, como me lembro dele, um idealista disfarçado de homem de acção, um espírito sensível com atitudes voluntariosas. A sua fundamental e desde logo para mim evidente importância na vida de Sophia (julgo que por outros nem sempre reconhecida e porventura por alguns ressentida) trouxe um salutar sentido de veracidade plausível à implausível demi-deia que me recebeu na sua casa na Graça, com um amplo terraço sobre a cidade e o mar ao longe. Vários filhos entravam e saíam da sala, a Sophia dava-lhes a necessária mas sucinta atenção e logo recomeçava a nossa conversa interrompida, fumando incessantemente e bebendo uma

interminável chávena de chá. Falámos de poetas, procurando convergências e evitando divergências, mencionou a casa branca da sua adolescência na Granja em frente ao mar enorme, recitou poemas que se arrependera de não ter incluído num livro que me ofereceu. Um deles, que começa com o verso “Como é estranha a minha liberdade”, foi depois publicado com o título “Poema de um Livro Destruído”. Mas nessa tarde também falámos de outras formas menos estranhas de liberdade. Comentámos com partilhado entusiasmo a situação política de insegura expectativa criada pela candidatura do General Humberto Delgado à Presidência da República, dias antes anunciada. Falámos portanto também das prisões políticas, das almas aprisionadas pela repressão policial, de necessárias acções concretas que nos libertasse a todos nós. Sophia iria ser, em luta desigual naquele tempo e país em que outros renunciavam, um dos fundadores da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. Em suma: gostei da sua realidade verosímil.

Pouco depois da campanha eleitoral do General Delgado e de algumas acções políticas devidamente insensatas mas indevidamente inúteis em que me envolvi, tive de sair de Portugal, conheci a Suzette, fomos viver em Londres e só sete anos depois, com a pseudo-primavera marcelista, pudemos ir a Portugal. A minha incipente amizade com a Sophia e o Francisco consolidou-se e a casa deles passou a ser um lugar de convívio privilegiado sempre que estávamos em Lisboa. A Sophia, embora gostasse mais de viajar na luminosidade mediterrânica do que nas brumas do Norte, visitou-nos duas ou três vezes em Londres, calhou encontrámo-nos uma vez em Nova York, nunca deixámos de manter contacto. E havia também, a aproximar-nos, a nossa comum amiga Menez, a pintora de inenarráveis paisagens da alma que tinha sido companheira de juventude da Sophia e que era como se fosse também minha, a partilhar com ela e connosco alegrias e tristezas, ocasiões de breve felicidade e de longo sofrimento. São agora coisas passadas. E são também as coisas que nunca passam.

Reporto-me, portanto, ao circunstancial, para chegar ao fim desta breve memória da Sophia em que também recordo o Francisco e me lembro dos filhos

a entrarem e saírem da sala durante a minha primeira visita à sua bela casa na Graça. Tive o gosto de contribuir para a publicação do que julgo serem as primeiras traduções da poesia de Sophia em língua inglesa. Fui convidado a organizar em 1972 um número duplo da revista *Modern Poetry in Translation*, devotado à poesia portuguesa. A Suzette – Suzette Macedo, de educação literária inglesa e língua materna portuguesa – ajudou-me, não só traduzindo ela própria vários poemas mas produzindo traduções literais para outros tradutores, alguns dos quais eles próprios notáveis poetas, como Ruth Fainlight, que partilhou com Jonathan Griffin as traduções dos poemas de Sophia. Essas traduções foram também incluídas na antologia *Contemporary Portuguese Poetry* que organizei, com a colaboração de E. M. de Melo e Castro, para a Carcanet Press, em 1978. Escrevi para esse livro uma introdução em que, após falar de Portugal e das suas mudadas circunstâncias (a revolução de 25 de Abril ocorrera entre a publicação da revista e do livro) fazia breves comentários sobre cada um dos poetas incluídos, em ordem didacticamente cronológica. Foi um texto escrito para um público de língua inglesa e, por isso, nunca achei necessário publicá-lo em português. Mas talvez não seja inoportuno terminar agora com a tradução do que nele disse sobre Sophia e que, como não poderia deixar de ser, não é muito diferente do que aqui vos vim dizer:

“Sophia de Mello Breyner Andresen, que colaborou em *Cadernos de Poesia* e pertence à mesma geração literária, partilha da preferência desses poetas por uma dicção ao mesmo tempo sóbria e rica de alusões. No seu universo poético, iluminado pelo brilho de uma claridade pré-lapsária, as formas e as coisas corroidas pelo tempo – céu, mar, árvores, rochas, corpos – são reinstituídos como emblemas de um mundo intemporal de totalidade perdida para se transformarem nos marcos de uma peregrinação interior que é também a demanda de uma identidade por encontrar. A sua voz é a voz de Euridice a recuperar o corpo de um decapitado mundo órfico.”

**Helder Macedo**

